

HENRYK, PAPROCKI, *A Promessa do Pai: A experiência do Espírito Santo na Igreja Ortodoxa*, São Paulo, Paulinas, 1993, 20 x 13 cm, 167 p.

Reginaldo Pereira*

A experiência do Espírito Santo na vida das pessoas e por consequência na vida da Igreja, constitui-se como elemento central da fé cristã. Somente a partir do Espírito Santo é que vamos discernindo o rosto do verdadeiro Deus que se revela na história humana.

O livro de Henryk Paprocki sobre a experiência do Espírito Santo na Igreja ortodoxa dá-nos um “novo” olhar sobre a terceira pessoa da Santíssima Trindade e nos encaminha para o mistério trinitário que se abre a nós como “kairós”, tempo de graça e vida plena.

O livro é dividido em três partes, sendo que a primeira trata dos “fundamentos bíblicos da pneumatologia”; a segunda parte da “aquisição do Espírito Santo”; e por fim fala da “experiência do Espírito Santo” na liturgia ortodoxa.

O autor começa falando dos concílios onde foram abordados temas sobre o Espírito Santo e nos quais se refletiu muito até chegar-se à definição da divindade do Espírito Santo. A partir disso, ressalta a importância da corrente hesicasta como sendo aquela que muito contribuiu para o desenvolvimento da pneumatologia ortodoxa (p.11). Nessa mesma corrente, exalta os grandes mestres e Santos da Igreja ortodoxa que desenvolveram o tema (pp.11-12-13). Argumenta que a liturgia e a iconografia são as duas fontes da tradição de que os teólogos se servem para falar do Espírito Santo.

Nesta primeira parte, da fundamentação bíblica a partir da experiência de Lucas, o autor afirma que o Espírito que desceu no Pentecostes inaugurou o “Tempo do Paráclito”, ou seja, o tempo em que

* O Recensor é aluno do 3º ano de Teologia do ITESC.



definitivamente o Pai dá o Espírito Santo a todos os seres humanos e faz desse mesmo Espírito Santo Senhor da história e na história (pp.21-22). Por isso, a meta da peregrinação terrestre da Igreja não é tal ou tal fato histórico, mas a descida do Espírito Santo, que não está somente no fim, mas no começo da história (p.24). Sendo assim, por intermédio dos apóstolos, é todo o cosmo que recebe o Espírito Santo. Porque a Igreja é a iluminação do mundo, e o Espírito Santo lhe é dado como penhor (2Cor 1,22), como missão e como talento a fazer frutificar (p.26). Interiormente, pela presença do Espírito Santo, o Reino de Deus já está presente, mas exteriormente, no mundo em que nos movemos, está presente um outro “espírito”, o de Satã, do qual devemos esperar as mesmas tribulações que sofreu Cristo.

Na perspectiva joanina, o Espírito Santo é aquele que, descendo do céu, traz o Cristo encarnado uma segunda vez (Jo 14,16-19) e temos a revelação do mistério da permanência de Cristo no mundo pelo ou no Espírito Santo (p.33). Na primeira aparição de Cristo no Cenáculo aos apóstolos, o dom do Espírito Santo que ele concedeu é, em João, antecipação do Pentecostes. Pentecostes, nessa visão, é reconhecido como o tempo da ressurreição e como a Parusia inaugurada (p.39). Da mesma forma, a Ascensão não significa ausência, mas a nova presença de Cristo entre seus discípulos (p.41).

O autor fala do Espírito Santo, enquanto pessoa, como sendo aquele que se revela visivelmente na transfiguração, juntamente com o Pai e o Filho. A fonte do Espírito Santo e do Filho é o Pai, e Cristo é aquele que “envia” o Espírito Santo (p.44). A hipóstase do Espírito Santo se oculta em sua ação potencialmente em cada pessoa, que, deificada, se torna como que o “espelho do Espírito”. Nesse contexto, Maria Mãe de Deus é o ser humano por excelência, a imagem hipostática do Espírito Santo.

Na segunda parte, o autor nos fala que a idéia do reino de Deus e a do Espírito Santo têm semelhança formal (p.55). Espírito Santo e Reino de Deus são sinônimos, isto é, o Espírito Santo é o Reino de Deus. Por isso, pedir a vinda do Reino é o mesmo que pedir o Espírito Santo, e aqui se verifica a quênose do Espírito Santo (p.56). No entanto, segundo São Serafim de Sarov, a finalidade da vida cristã é a aquisição do Espírito Santo.

A idéia da Páscoa é colocada como sendo a que foi conservada pela ortodoxia graças à teologia do Espírito Santo, pois a ressurreição de todos realiza-se pelo Espírito Santo (p.62). Ele é o autor de nossa ressurrei-



reição como o é da ressurreição de Cristo (1Pd 3,18). A ressurreição é a parusia já realizada (Mt 16,28; Mc 9,1; Lc 9,27), pois o Espírito Santo não só ressuscita e torna próximo o mundo por vir, mas também julga e “convence de seu pecado” o mundo presente.

Na doutrina palamita, a Santíssima Trindade se manifesta nas energias de Deus (p.70). Elas provêm eternamente da natureza de Deus, exprimindo a existência de Deus para nós, sendo o próprio Deus revelando-se a nós. A fonte e o doador das energias trinitárias deificantes que atualizam a salvação é o Espírito Santo, que participa das energias de Deus, no-las comunica e nos torna aptos a recebê-las. Portanto, toda a energia provém do Pai e se comunica pelo Filho no Espírito Santo. É por isso que, adquirir o Espírito Santo e estar transfigurado é a mesma coisa, ou seja, a graça do Espírito Santo é a luz que ilumina o ser humano (p.80).

Na terceira parte, o autor nos fala sobre a experiência do Espírito Santo na Igreja, nos sacramentos e como artífice da unidade. O autor afirma que mesmo o Espírito Santo não sendo suficientemente conhecido em sua ação, precisamos compreender que Ele, e o Pai e o Filho, formam o fundamento da Igreja. Na Igreja, o Espírito Santo está presente da mesma maneira que em Cristo. Por isso, ele é o principio ativo de toda obra de Deus e sua quênose começa na Igreja a partir do Pentecostes e estende-se por todo o mundo em seus dons e carismas.

O padre ortodoxo Sérgio Boulgakov, nos fala de Maria como sendo a imagem hipostática do Espírito Santo, pois Ela é a escolhida por Deus, como a “intermediária” da encarnação e a figura da Igreja (p.96). Portanto, afastar-se dela equivale a privar-se dos dons do Espírito Santo.

Os sacramentos são entendidos como antecipação da parusia na vida da Igreja (p.99). Principalmente pela Eucaristia, recebemos o Cristo como “presença real” e, cada vez que a recebemos, recebemos o Espírito Santo. Separar-se da Eucaristia é separar-se da Igreja, porque a assembléia eucarística é a expressão da Igreja em sua plenitude.

A unidade eucarística em Cristo e no Espírito Santo não realiza uma transformação mágica no ser humano, mas o torna digno, pelo poder do Espírito Santo, de participar do mistério do Cristo ressuscitado, e cria a comunidade (koinomia) de participação no corpo ressuscitado de Jesus. Por isso, a liturgia e a iconografia ortodoxa exaltam o Filho e o Espírito Santo como sendo doadores de toda a vida da Igreja através dos sacramentos que a constituem.



Presente na assembléia, descendo sobre os elementos materiais para transformá-los, o Espírito Santo é a figura central da liturgia (p.117). Pela sua glória atualiza-se a presença de Cristo Senhor ressuscitado sob as espécies do pão e do vinho, e nós recebemos o dom da comunhão.

Como artífice da unidade, o Espírito Santo é entendido como aquele que vivifica todos os membros que estão no Corpo (Igreja). Pois, na compreensão de Santo Agostinho, pela ação do Espírito Santo a Igreja é Corpo de Cristo ressuscitado, comunidade de vida e plenitude da ressurreição (p.120). Toda a unidade da comunidade eclesial é sinal exterior da graça e, ao mesmo tempo, sinal (sacramentum) e mistério (mysterium) da presença de Cristo.

A Igreja é a vida cheia de graça no Espírito Santo; ela pertence ao mundo de Deus, mas existe na história, ou seja, o eterno aparece no temporal. Como Igreja universal de Cristo, a Igreja é sempre una, pois não existem vários corpos de Cristo, mas um só corpo. Da mesma forma, a Eucaristia não é propriedade de nenhuma Igreja, porque Cristo não é propriedade da Igreja.

Enquanto organização, o autor alerta que a colegialidade é o fundamento da unidade da Igreja e significa liberdade. Por isso, ela é unidade no amor e na liberdade, é um contínuo processo de união espiritual. A Igreja é sempre plena, infinitamente rica e sempre igual a si mesma, porque encerra a plenitude de tudo e é dirigida pelo Espírito Santo (p.134). No entanto, o Espírito Santo sempre agiu e age sem a Igreja, porque é maior do que a Igreja, Ele é o artífice da unidade dos homens, porque sua ação ultrapassa os limites da Igreja institucional. Nesse sentido, a comunhão dos santos é a participação dos pecadores nas coisas santas. A argumentação final do autor é que a Igreja não está sempre se reformando, mas evoluindo na direção de Cristo, que vem no Espírito Santo.

Creio que a reflexão de Paprocki nos ensina a grande riqueza da experiência pneumatológica das Igrejas orientais. Mais que isso, nos leva a uma compreensão do ES como sendo aquele que é uma presença constante e que exige um “voltar-se” autêntico do ser humano para Deus. Com uma compreensão muito próxima da pneumatologia católica, o autor reforça com sua obra o “senhorio” do ES e chama toda a Igreja a reconhecer no ES a presença salvadora e deificadora do Pai e do Filho.



FONSECA, Joaquim, *Cantando a Missa e o Ofício Divino*, São Paulo, Paulus, 2004, 13,5 x 21cm, 96 p. (3ª ed. 2007)

Ney Brasil Pereira*

Eis aí um precioso livrinho, de menos de cem páginas, escrito com clareza e riqueza de detalhes, que dignamente abre a coleção “Liturgia e Música” da Paulus. Seu autor, Frei Joaquim Fonseca, ex-assessor de Música Litúrgica da CNBB, e atualmente doutorando em Teologia Dogmática com especialização em Liturgia, é o idealizador da referida coleção, que já lançou mais outros quatro títulos.

Cito o que se lê na contra-capá: “Este livro fornece subsídios para que os ‘ministros’ da música litúrgica (compositores, letristas, animadores, dirigentes de coro, instrumentistas, cantores, salmistas...) desempenhem, de forma mais eficaz, seu ministério na celebração litúrgica. Porém, qualquer agente de pastoral litúrgica – mesmo não sendo músico – poderá beneficiar-se deste trabalho, uma vez que o conteúdo de cada capítulo vem apresentado numa linguagem bastante acessível. O livro é um auxílio para que as comunidades celebrem mais autêntica e frutuosa mente o mistério de nossa salvação.”

A apresentação, escrita pelo Pe. Gregório Lutz, começa pondo os pontos nos ii: “Nossas comunidades cantam, e cantam sobretudo *na* liturgia. A questão é se cantam *a* liturgia, ou seja, aquilo que celebram: o dia, o tempo, o momento, em uma palavra, o mistério que celebram”. E continua: “Infelizmente, muitas celebrações litúrgicas, pelo Brasil afora, não correspondem aos princípios e orientações” dos documentos da Igreja. “Canta-se aquilo de que se gosta, sem se preocupar com a força litúrgico-espiritual que o canto e a música poderiam e deveriam ter para introduzir nossas comunidades cada vez mais para dentro do mistério celebrado... É a este problema que o presente livro quer responder de maneira simples e prática... explicando o sentido de cada elemento cantado da Missa e do Ofício Divino das Comunidades...” (pp. 7-8)

A “Nota Introdutória”, do autor, resume o conteúdo: “O presente livro trata da *função ministerial da música na celebração eucarística e no*

* O autor é Mestre em Ciências Bíblicas, Professor no ITESC e Regente do Coral da Catedral de Florianópolis, SC.



Ofício Divino das Comunidades. Seus 18 pequenos capítulos se sucedem conforme a seqüência ritual desses dois tipos de celebração. Cada capítulo traz informações de caráter histórico, teológico e pastoral, seguidas de breve análise teológico-litúrgica de um exemplo musical correspondente ao assunto.” (p. 9) No final da “Nota Introdutória” o autor lembra que o conteúdo do livro, “quase na sua totalidade, foi publicado sob a forma de artigos na *Revista de Liturgia*, entre os anos 2000 e 2003.” (p. 10)

Antes de iniciar a primeira parte do livro, dedicada à Missa, o autor faz algumas “considerações gerais” sobre a “simbiose entre texto e melodia”. Partindo do fato de que “não poucas vezes encontramos cantos que nos dão a sensação de algo desconexo entre o texto e a melodia”, ele analisa, como amostra bem sucedida da mencionada “simbiose”, o refrão meditativo de invocação ao Divino, de autoria do Pe. Geraldo Leite: *Ó Divino, vem te apossar da nação / que deseja teu ensino / que te entrega o coração! / Ó Divino, na dor consolação!* (pp. 11-14)

Como exemplo de um bem sucedido “Canto de abertura” da Missa, excelente para o tempo do Advento, o autor analisa *Senhor, vem salvar teu povo*, texto de Maria de Fátima de Oliveira e música de Pe. José Weber. Aliás, o nome do Pe. Weber, omitido por um lapso na primeira edição, está devidamente incluído nas edições subseqüentes (o livro está já 3ª edição).. Impressiona, nesse canto, a essencialidade. Nada nele está demais: as três breves estrofes, com o sucinto refrão, resumem perfeitamente a teologia do Advento e fazem a assembléia sentir-se povo convocado, suplicando e aguardando a vinda do Senhor (pp. 15-17).

Segue o comentário ao *Senhor tende piedade de nós*, aclamação suplicante ao Cristo Senhor e não invocação trinitária, que normalmente deveria ser executado, mesmo se em forma dialogal, por toda a assembléia (pp. 17-18). Quanto ao *Glória*, hino doxológico que canta a glória do Pai e do Filho, o autor observa que seu texto venerável não deveria ser substituído pelos “glorinhas”, ou seja, as pequenas aclamações trinitárias que foram sendo compostas e rapidamente se difundiram por toda parte. Como exemplo de um “Glória” bem sucedido, é apresentada uma composição do já citado Pe. Geraldo Leite, cuja originalidade está “na sua estrutura melódica e rítmica, visivelmente marcada por elementos da cultura afro-brasileira” (p. 20). Trata-se de uma peça com 173 compassos, distribuídos em quatro secções, analisadas e apreciadas nas pp. 21-25.

Quanto ao *Salmo Responsorial*, recorda-se que ele é “parte integrante da liturgia da palavra” e costuma ser cantado em “forma dialogal”



entre salmista e assembléia. O autor analisa a melodia do refrão e da salmodia do salmo 15 (14), proposta pelo Hinário Litúrgico da CNBB (pp. 26-28). E conclui: como o salmo é “palavra cantada”, ele “deve ser proclamado na estante da Palavra, e igualmente escutado e respondido pela assembléia” (p. 28). Após o Salmo, vem a “*Seqüência*”, um hino que “canta loas, de forma lírica e expressiva, sobre determinado tema da devoção cristã” (p. 29), e que foi muito popular na Idade Média. Já o Missal de São Pio V, no século XVI, conservou apenas cinco “seqüências”, reduzidas a quatro na reforma litúrgica após o Vaticano II. Como exemplo significativo, o autor apresenta e comenta a seqüência da Páscoa, em sugestiva adaptação do texto latino e da melodia gregoriana por Reginaldo Veloso (pp. 29-30)

Segue a *Aclamação ao Evangelho*, que “nada mais é que um ‘viva’ pascal ao Verbo de Deus”. Constituída de dois elementos básicos – um *refrão* composto de um ou mais aleluias (exceto na Quaresma), e um versículo, normalmente ligado ao Evangelho a ser proclamado – a aclamação “deve ter ritmo vigoroso e melodia brilhante” (p. 32). O refrão (aleluias) do exemplo musical apresentado, também de Reginaldo Veloso, é composto em forma de repetição: o solista entoava cada parte da frase e a assembléia repete, o que dá dinamismo ao canto (p. 33). Um alerta quanto aos numerosos “cantos de louvação da Palavra”, que “não preenchem plenamente os requisitos para a função ministerial específica” de aclamação ao Evangelho.

Quanto ao *Canto das Oferendas*, que não se diz mais “canto do ofertório” porque “o grande ofertório acontece durante a oração eucarística” (p. 34), apesar de o missal romano não trazer textos específicos para esse momento, nosso povo gosta de valorizá-lo. Uma boa fonte de inspiração é o texto das “bênçãos” sobre o pão e o vinho: é o momento, ainda não de “oferecer”, mas de “bendizer” o Senhor que nos proporciona, através do trabalho humano, os frutos da terra, que se tornarão “pão e vinho de salvação”. O autor apresenta e comenta, sobre esse texto, expressiva melodia de Jocy Rodrigues, encontrada no Hinário Litúrgico (pp. 35-36).

A *Prece Eucarística*, pela sua centralidade na celebração, mereceria ser cantada, tanto a parte do presidente como a da assembléia, “ou seja, desde o diálogo inicial do prefácio até o amém da doxologia final” (p. 36). Esse ideal, porém, contrasta com o fato de “certa monotonia, gerada durante a recitação da prece eucarística”, a qual no entanto deveria



ser “a apoteose da nossa celebração dominical” (p. 37). O autor observa que, sob o ponto de vista musical, embora os gêneros sejam variados (diálogo, recitativo, hino, aclamações), a utilização de uma tonalidade/modalidade única contribuiria para “ajudar os fiéis a uma compreensão mais global da prece” (p. 38). Nesse sentido é que é apresentada uma proposta musical para a Oração Eucarística V, do Congresso Eucarístico de Manaus, composta pelo já citado Pe. Jocy Rodrigues, e complementada, na parte musical, por Frei Joel Postma. Coerente com a sua afirmação da centralidade da Prece Eucarística, o autor dedica-lhe nada menos que treze páginas (pp. 39-51). Assim, ele examina o *Prefácio*, a aclamação do *Santo*, “um dos pontos altos da prece eucarística” (pp. 41-42), a *Narrativa da Instituição* (pp. 43-45), a *Aclamação memorial*, ou seja, a anamnese (pp. 45-47), e as *intervenções da assembléia* na prece eucarística (pp. 47-49). Essas intervenções são uma abençoada novidade brasileira a partir da Oração Eucarística de Manaus, devidamente aprovada por Roma... Por fim, o autor fala da *Aclamação à doxologia final*, cujo *Amém*, em melodia vibrante e expressiva, deveria distinguir-se dos outros “Amém” da missa (pp. 49-51).

A seguir, levando em conta o fato de que grande número de comunidades, pela falta de presbíteros, não podem celebrar a Eucaristia e no entanto celebram a Palavra, o autor comenta a *Ação de graças nas celebrações dominicais da Palavra*. São examinadas duas alternativas, que se encontram no livro “Dia do Senhor”, de P. Carpanedo e M. Guimarães: a) quando há comunhão eucarística (pp. 53-54), e b) quando há partilha de alimentos (pp. 54-57). No primeiro caso, propõe-se, em lugar do prefácio, um “*Bendito*”, modal, letra e música de Reginaldo Veloso. No segundo caso, do mesmo autor, uma louvação, tonal, “*Para nós é um prazer*”. Na p. 55, um vibrante “*Amém, Aleluia!*”, sugerido como conclusão da doxologia do Pai-nosso.

Retornando aos cantos da Missa, o autor comenta o *Cordeiro de Deus*, prece litânica para ser cantada durante o rito da fração do pão. Como exemplo musical, uma melodia de Frei Joel Postma., analisada na p. 59. Segue o *Canto de comunhão*, “um dos cantos mais antigos da liturgia eucarística”, tão importante no rito da distribuição do sacramento. Seu texto não deveria ser marcado pelo subjetivismo nem deveria ressaltar só a adoração à presença real. As antífonas próprias do Missal sugerem a consonância com o Evangelho proclamado, preocupação que norteou a seleção do Hinário Litúrgico da CNBB, nos anos A, B e C. O texto do refrão é próprio para cada domingo, mas a melodia é repetida, facilitando



o aprendizado, conforme o autor demonstra com o exemplo apresentado na p. 61. Como excelente alternativa para o tempo comum, o canto “*Eis, meu povo, o banquete*”, letra de Dom Carlos Alberto Navarro e música de Valdeci Farias, analisado nas pp. 63-64.

Alguém poderia estranhar que não se comente o “canto de ação de graças” nem o “canto final”, que, aliás, não estão previstos no Missal. Exatamente pelo fato de serem facultativos, o autor os deixa à discricção e ao bom senso das equipes de liturgia. E termina a primeira parte do seu livro com esta reafirmação: “A música e o canto só cumprirão plenamente sua função ministerial quando estiverem intimamente ligados à liturgia e ao momento ritual ao qual se destinam” (p. 64).

A segunda parte do livro se volta “para o canto e a música no Ofício Divino das Comunidades”, ODC, “uma proposta bem sucedida de inculturação da Liturgia das Horas no Brasil”. “Nesse Ofício popular, a música é um elemento indispensável, que advém das vertentes mais genuínas do ‘canto do chão brasileiro’: folias, benditos, incelências, cheganças, batuques, contradanças etc” (p. 65).

Entre os elementos cantáveis do ODC, o autor começa pelo “refrão meditativo” da *Chegada*. Esses refrãos assemelham-se aos “mantra”, pequena peça musical que se repete várias vezes, criando a sintonia da assembléia. Como exemplo, um dos conhecidos refrãos de Taizé (p. 67). A *Abertura* propriamente dita corresponde ao Invitatório, o “convite ao louvor”, da Liturgia das Horas. A “abertura” do ofício da manhã é mais elaborada que a da tarde. O caráter repetitivo de cada verso facilita a participação. O autor lembra que “a inspiração originária para a métrica do texto das ‘aberturas’ veio do tradicional Ofício de Nossa Senhora” (p. 69). A título de amostra, quatro exemplos primorosos, compostos por Reginaldo Veloso em meados da década de 80 (texto e partitura na p. 70).

Terceiro elemento do Ofício é o *Hino*, o “louvor cantado”, na definição de Santo Agostinho. Já encontramos Hinos nos evangelhos, nas cartas dos apóstolos e no Apocalipse. Vários Pais da Igreja, como Efrém no Oriente e Ambrósio no Ocidente, notabilizaram-se por seus Hinos, de grande aceitação popular. A reforma litúrgica do Vaticano II zelou pela recuperação da qualidade dos Hinos, ressaltando sua vinculação com a hora do dia ou da noite, o tempo e as festas do ano litúrgico etc. No ODC, o Hino é entoado logo após o momento da “recordação da vida”, e costuma ter sempre um refrão, o que não acontece com os Hinos da



Liturgia das Horas. Como amostra, o Hino “Luz radiante”, também de R. Veloso (pp. 73-74).

Segue a *Salmodia*, elemento fundamental da oração comunitária e pessoal dos cristãos, que neles e através deles cantam o mistério pascal do Senhor. No ODC, encontramos 110 dos 150 salmos da Bíblia, em versão adaptada à recitação popular – com rimas, repetições etc – mas com fidelidade ao texto original. Como amostra musical, o Sl 137 (138), na versão do Pe. Geraldo Leite (pp. 77-80). É uma bela melodia na escala modal dórica, modo de ré, muito comum na música nordestina, estruturado em forma responsorial: o salmista entoa as estrofes, intercaladas com o refrão da assembléia.

Mas temos também, no ODC, os *Cânticos Bíblicos*, num total de 38, sendo 16 do Antigo e 22 do Novo Testamento. Os cânticos evangélicos de Zacarias, pela manhã, de Maria, à tarde, e de Simeão, à noite, devem ser cantados com a mesma solenidade com que se costuma ouvir o evangelho: de pé, e persignando-se ao iniciá-los. Vários deles têm mais de uma versão, tanto do texto como da melodia, além de um ou mais refrãos, de acordo com os tempos e as festas do ano litúrgico. Como amostras, uma versão do cântico de Zacarias, de Jocy Rodrigues (pp. 81-82); uma, do cântico de Maria, de Reginaldo Veloso (pp. 83-84), e uma, do cântico de Simeão, também de Veloso (pp. 84-85).

Terminado o cântico evangélico, seguem as *Preces*, para as quais o autor expõe alguns “princípios teológicos” tirados a Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas (p. 85). No ODC, é proposta uma média de três a quatro preces por ofício. Na p. 86, são propostos dez exemplos de textos e melodias para a resposta às preces, a maioria no estilo da *beraká* judaica, que não separa do louvor a petição. As Preces têm o seu desfecho na “Oração do Senhor”, o *Pai-nosso*, modelo da oração cristã, à qual se acrescenta, desde a *Didaqué*, a doxologia. O autor propõe a melodia do Pai-nosso ecumênico, recomendado nos subsídios litúrgicos da Campanha da Fraternidade do ano 2000, com o uso da 2ª pessoa do singular e, no final, a doxologia. Autor da melodia (p. 89), Pe. Joaquim Ximenes Coutinho, conhecido autor de um dos primeiros cantos “de ofertório”, na década de 50: “Senhor, vos ofertamos”.

Como conclusão, o autor lembra as “quatro vertentes teológico-litúrgicas” que não podem faltar em nenhum canto litúrgico: 1) revestimento da Palavra; 2) fator de comunhão na assembléia; 3) dimensão ritual-sacramental; 4) música dotada de verdade e de autenticidade (pp.



90-91). A ampla bibliografia, que ocupa duas páginas (pp. 92-93) é constantemente citada ao longo do livro, e convida ao aprofundamento pessoal. Quanto às “abreviaturas” ou siglas, alistadas no início do livro, logo após a página do título, não entendi por que a sigla OLM indica o “*Elenco das Leituras da Missa*”, quando de fato indica a “*Ordem das Leituras da Missa*”, em latim *Ordo Lectionum Missae*. De resto, não se notam falhas de revisão no texto. Quanto aos exemplos musicais, por sinal bem expressivos, nós aqui do sul teríamos gostado de alguma coisa também daqui.

Concluindo, parabéns ao autor, Frei Joaquim, pelo precioso livrinho, que ajuda não só aos ministros da música, mas também às equipes de Liturgia em geral. Seu conteúdo merece ser lido, assimilado, posto em prática. E o resultado serão, sem dúvida, celebrações litúrgicas cada vez mais autênticas e frutuosas.

Endereço do Recensor:

ITESC – cx postal 5041
88040-970 Florianópolis, SC
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br



MOLINARI, Paula, *Técnica Vocal: princípios para o cantor litúrgico*, São Paulo, Paulus, 2007, 13 x 21cm, 112 p.

Ney Brasil Pereira*

Este é o quinto volume da coleção “Liturgia e Música” da Paulus, lançada pelo setor de Musica da CNBB. Frei Joaquim Fonseca é o iniciador da série, a ele devendo-se o primeiro volume: “Cantando a missa e o ofício divino”. O segundo volume, de Vários Autores, intitula-se “Música brasileira na Liturgia”. O terceiro volume é do autor espanhol Xabier Basurko, abordando “O canto cristão na tradição primitiva”. A outro autor espanhol, Maria Victoria Triviño Monrabal, deve-se o quarto volume: “Música, dança e poesia na Bíblia”.

Tendo feito a recensão dos volumes de Basurko e de Monrabal, focalizo agora o trabalho de Paula Molinari, que aborda a “Técnica vocal”, com “Princípios para o cantor litúrgico”. Trata-se, pois, de uma obra prática, que desperta grande interesse em todos os que devem fazer uso da voz nas celebrações litúrgicas: padre, salmista, vocalistas, coralistas. Por isso mesmo, acompanha o volume um CD didático com 53 faixas, com dez séries de exercícios e muitas úteis indicações.

Como explica a contra-capá, citando o prefácio de Frei Joaquim Fonseca, o livro, com pouco mais de cem páginas, “é um passo qualitativo no diálogo – até agora pouco estabelecido – entre fonoaudiologia e liturgia. Muito se tem falado sobre esses dois assuntos, porém, de forma isolada. Agora podemos contar com um subsídio que nos aponta o caminho para a mútua fecundação entre essas duas ciências. O capítulo ‘Espiritualidade da voz’ é a chave de leitura, pois fica evidente que todo e qualquer aprimoramento técnico-vocal deverá ser desenvolvido a partir da função ministerial do canto na celebração litúrgica. Trata-se de um exercício progressivo, de uma ‘atitude espiritual’: a integração do gesto corporal com a compreensão teológica deste e a dimensão afetiva.”

Cito ainda Frei Joaquim Fonseca, ex-assessor da CNBB para a Música Litúrgica, no seu prefácio: “Paula Molinari nos brinda com um precioso trabalho que enriquece a coleção ‘Liturgia e Música’. Seu livro é

* O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas, compositor e regente, e membro do Grupo de Reflexão de Música Litúrgica da CNBB.



o desdobramento de uma pesquisa mais ampla, intitulada ‘A materialidade da voz’. Baseando-se em extensa bibliografia e qualificada experiência prática, a autora nos convence de que a voz humana não pode ser tratada fora da unidade do corpo. E mais: em se tratando da voz humana na ação litúrgica, urgente se faz buscarmos a ‘inteireza do ser’, ou seja: a unidade de corpo-mente-coração.”

Na Introdução, que corresponde ao capítulo 1º, a autora parte de uma expressão de São Paulo na carta aos efésios: *Cantai ao Senhor de todo o coração* (Ef 5,19). E convida o leitor a aprofundá-la: o que é mesmo “cantar de todo o coração”? O conjunto do livro, com todos os seus exercícios e sugestões, responde que “de todo o coração” é mais, “significa muito mais, que boa vontade. Também representa dedicação e movimento na direção do aprimoramento” (p.9).

O capítulo 2º aborda “a espiritualidade da voz”. Logicamente, a “espiritualidade” deveria ser tratada depois da “materialidade”, uma vez que o espírito se expressa através do corpo, da materialidade do corpo. De fato, a maior parte do livro vai abordar a “materialidade” da voz, mas é significativo que a autora comece pela “espiritualidade”, para dar um direcionamento especial a tudo o que ela vai expor sobre a técnica vocal. Na p. 15 ela se pergunta: “Onde está a espiritualidade da voz, a não ser no fato de poder expressar o indizível?” E responde: “A voz é a metáfora de nosso íntimo e, portanto, o caminho material da espiritualidade”.

Não sei se está bem empregado aí o termo “metáfora”. Em todo caso, essa pergunta e a resposta me fazem lembrar bela passagem de Santo Agostinho, exatamente sobre a materialidade da voz em sua relação com a palavra. Escreve o Santo, ao comparar a missão de João Batista, que se auto-intitulava “a voz que clama no deserto”, “preparando o caminho da Palavra” que é o próprio Cristo: “João era a voz, mas o Senhor, *no principio, era a Palavra* (Jo 1,1). João era a voz passageira, Cristo, a Palavra eterna desde o princípio. Suprimi a *palavra*, e o que se torna a voz? Esvaziada de sentido, é apenas som. A voz sem palavras ressoa ao ouvido, mas não alimenta o coração. Entretanto, mesmo quando se trata de alimentar nossos corações, vejamos a ordem das coisas. Se penso no que vou dizer, a *palavra* já está em meu coração. Se quero, porém, falar contigo, procuro o modo de fazer chegar ao teu coração o que já está no meu. Buscando então como fazer chegar a ti e fazer penetrar em teu coração o que já está no meu, recorro à voz e por ela falo contigo. O som da voz te faz entender a *palavra*; e quando te fez entendê-la, esse



som desaparece, mas a *palavra* que ele te transmitiu permanece em teu coração...” (AGOSTINHO, Sermão 293,3, em *Liturgia das Horas*, Ofício das Leituras do III dom. do Advento)

Na mesma p. 15 a autora reproduz um sugestivo texto de Jean-Yves Leloup sobre a experiência mística do numinoso numa igreja de Salzburg, na Áustria, na audição de uma missa de Mozart durante a celebração litúrgica. Palavras de Leloup: “As vozes mudam quando rezam”. É esta a “a beleza e a qualidade da música litúrgica” (p. 16) que merece o melhor dos nossos esforços. Merece, portanto, a ascese de “repetir e repetir, até que estejamos certos de nossa escolha”, isto é, de nossa interpretação (p.18).

Quanto à “repetição”, estudada nas pp. 18 e 19, o termo às vezes parece ter a conotação de “ensaio”, como “*répétition*” em francês. Com acerto, a autora observa que não há outro “caminho para aprofundar o conhecimento” (p.18), e cita Yone Buyst: “A repetição (*melété*, em grego) é uma técnica espiritual. O mestre dava uma única expressão ou versículo das Escrituras para ser repetido e assimilado até que se tornasse parte da vida”. O capítulo sobre a espiritualidade da voz conclui com breve parágrafo sobre o canto “com a assembléia” (p. 20). Lembrando que somos “*um reino de sacerdotes*” (Ap 1,6) e “*um só corpo*” (1Cor 12,12), a autora esclarece que “nosso objetivo como cantores litúrgicos é o de nos misturar, nos confundir a uma só voz... a favor do grande coro de sacerdotes que somos” (p. 20). A dimensão comunitária, portanto, não pode faltar na espiritualidade da voz do cantor litúrgico.

O terceiro capítulo é intitulado simplesmente “A voz”, naturalmente, a voz articulada, segundo Roy Hart, “o primeiro movimento de expressão do ser humano” (p. 21). Ainda Roy Hart: “A exploração desse universo é uma aventura que reconcilia o ser humano consigo mesmo. É também uma arte – uma ‘arte biológica’, criativa e libertadora – que oferece um caminho pelo qual qualquer indivíduo pode se desenvolver, artística, emocional, e intelectualmente” (ibid.). E a autora: “Sendo um ato físico, o canto não pode estar descorporificado. O canto não é resultado apenas da elaboração mental e sim da integração de todas as nossas potencialidades.” Mais: “O canto é uma conquista! É uma constante busca de nós mesmos...” (p. 23). E ainda: “Cada um a seu modo e a seu tempo pode conquistar uma voz que agrade a si e possa cumprir sua força de união com os outros” (p. 24). Com essas e outras motivações, a autora convida o leitor a aproveitar “os recursos que a técnica vocal



nos oferece” (ibid.) e se dispõe, através das indicações práticas que vai oferecer, a tentar suprir a presença física do professor.

O quarto e quinto capítulos constituem o “miolo” do livro, uma vez que abordam diretamente a “técnica vocal” (capítulo 4º, pp. 25-74) e a “aplicação da técnica ao repertório” (capítulo 5º, pp. 75-85). Por “técnica vocal” a autora entende “o conjunto de meios que utilizamos para dar o sentido desejado a alguma fala ou canto” (p. 25). Essa técnica constitui um “aprendizado efetivo, em que o corpo participa ativa e conscientemente” (p. 26). Primeiro passo do aprendizado, segundo a autora, é “escutar o silêncio”, ou seja, “a escuta interior” (p. 26). Conselho da autora: “Exercite a escuta sempre, a cada instante!” (p. 28) As primeiras faixas do CD propõem alguns exercícios nesse sentido: os sons graves, os agudos, os ritmos... Quanto à terminologia, a autora prefere falar de “pregas vocais”, em vez de “cordas vocais”, e explica sua opção na nota 20 da p. 28.

A seguir, tratando da “projeção vocal” (p. 30), a autora aborda a questão respiratória, essencial, porque “nela reside o controle da pressão do ar”. Lembrando que cada professor de canto “tem a sua receita” para a respiração, ela apresenta um quadro de várias opções segundo os vários autores (p. 31). Significativamente cita célebre cantora: “É tão impossível ensinar alguém a respirar quanto a fazer o sangue circular em suas veias” (p. 32). E conclui: cada um, naturalmente com a ajuda das indicações propostas, deve encontrar o seu caminho.

Na p. 33, são abordadas “questões de anatomia”, começando-se com o diafragma, músculo que controla a entrada e saída do ar, e é responsável pela estática vertebral. Seguem exercícios com a bola, cantando escalas pouco a pouco mais longas, dos graves aos agudos e vice-versa, conforme se demonstra nas faixas 5 a 9 do CD. Na p. 35, são descritas as “escápulas”, vulgarmente chamadas “omoplatas”, e sua função respiratória. A autora fala também da “organização do tronco”, e da importância da bacia para a sustentação das frases longas (p. 36 em baixo).

Na p. 39, começa-se a explicar o que é “apoio vocal”. A autora lembra que “a cabeça e a bacia formam duas grandes abóbodas que se opõem na construção do tronco e estão intimamente ligadas pela coluna vertebral” (p.40). Mais adiante: “Se conseguirmos liberar nossos espaços internos, o som terá a possibilidade de, através da ressonância, da vibração, atingir o espaço formado pelos ossos da bacia e encontrar ali mais uma caixa de ressonância” (p. 40 em baixo).



Na p. 43 a autora descreve “a importância da organização do quadril na manutenção do apoio”. Fala do “períneo”, o músculo que fecha a abóbada da bacia, e dos “ísquios”, que são a extremidade óssea inferior da bacia e onde o períneo se insere. Seguem exercícios para a sensibilização dos ísquios, dos pés, dos membros superiores, inclusive com recurso a uma vara de bambu (cf várias figuras explicativas nas pp. 45-50). Por fim, ainda para desenvolver o apoio, exercícios com a prancha de equilíbrio, chamada também “prancha de projeção” (cf figuras na p. 52). Tudo isso, buscando vivenciar a unidade do nosso corpo para melhorar o desempenho vocal.

Da p. 53 à p. 74 estudam-se os *vocalises*, tão importantes para o treinamento vocal com o uso de vogais. São os mais conhecidos exercícios do chamado “aquecimento vocal”. Quanto à sua funcionalidade, embora reconhecendo que eles sempre sejam válidos, a autora pensa que o melhor resultado depende do seu uso criterioso, metódico e gradativo. Daí a escolha das séries de vocalises que ela propõe, e cujos exemplos se encontram nas faixas 19 a 49 do CD.

Quanto aos sons vocálicos, é interessante e de imediata apreensão a maneira de pronunciar bem a vogal fundamental, *a*, evitando pronunciá-la com “voz de garganta”. Como? Do jeito como expressamos satisfação com uma explicação recebida: *Ah, entendi!* A boa localização do *a* é fundamental, porque todas as outras vogais deverão ter abertura semelhante (p. 54 em baixo). Na p. 56 em cima a autora retoma o já explicado na p. 28, nota 20, descrevendo o funcionamento da prega vocal, à semelhança da manga de camisa, comprida e larga, movendo-se pelo vento... Na p. 59 encontramos o conhecido vocalise de Herbert Caesari, em *i-e-a*, com suas variações nas pp. 62-66. Na pp. 68-69, dois exemplos – aliás incompletos – dos vocalises de Panofka, menos conhecidos. Nas pp. 71-73, alguns exercícios a partir da técnica de Wolfsohn e Hart. Por fim, na p. 73, algumas indicações para o importante exercício do *bocca-chiusa*, com exemplos nas faixas 47 a 49 do CD.

No capítulo 5º, a autora estuda a “aplicação da técnica ao repertório”. E começa com um dos refrões de Taizé, *Jubilate Deo* (p. 75, faixa 50 do CD), aplicando-lhe os “três passos”: análise textual, análise melódica, escolha interpretativa. Muito interessantes as conclusões a que chega na p. 79. Assim também a análise de outro refrão de Taizé: *Onde reina o amor* (pp. 79-81, faixa 51 do CD). Por último, a análise de breve canção a 4 vozes: *Wait for the Lord* (pp. 82-85, faixa 52 do CD).



No capítulo 6º, o assunto é a “classificação vocal”, no qual, segundo a autora, “há muitas questões a serem vistas (p. 87). Entre outras coisas, “para se fixar uma classificação, é preciso tempo para certificar-se de que a voz estabilizou em determinada região após o desenvolvimento vocal feito através da técnica” (p. 88). Após indicar a tessitura da voz do adulto (soprano, meio-soprano, contralto, tenor, barítono, baixo), encontramos úteis comentários sobre a voz do idoso, do contratenor e sopranino, e da voz infantil (pp. 90-92).

Por fim, após breve capítulo sobre a “afinação” (capítulo 7º), não só da pessoa, mas do grupo (vocal ou instrumental) ou da assembléia, incluindo-se “considerações sobre o *vibrato* no canto em conjunto” (p. 95), segue o importante capítulo 8º sobre os “cuidados com a voz”. A autora comenta o uso, desaconselhado, de bebidas alcoólicas, gengibre, cebola etc, e desmistifica o uso do mel antes de cantar, pois o mel passa pela faringe, e evidentemente não atinge as pregas vocais, que estão na laringe... (pp.97-98) E convida: “Mantenha uma rotina de exercícios de flexibilidade vocal, como a prática de *vocalises*. Só isso garantirá a você uma voz saudável e que estará melhor a cada dia.” (p. 99). Por fim, entre as “considerações finais”, a profissão de fé da autora: “Estudar técnica vocal e colocá-la a serviço do louvor é uma escolha para envolver toda a existência. Cada dia uma nova sensação, uma nova conquista e uma nova voz. Dedique-se com amor!” (p. 100). Após a conclusão, ainda três páginas de bibliografia, além de dois apêndices: o Apêndice 1, das tabelas, figuras, ilustrações e partituras, e o Apêndice 2, apresentando o conteúdo das 53 faixas do CD.

Um comentário ainda sobre a revisão do texto. No caso de uma segunda edição, que espero aconteça, tal a importância da obra e do seu conteúdo, valeria a pena melhorar pequenos detalhes, que não é o caso de alistar aqui. De resto, congratulo-me por este precioso trabalho de Paula Molinari, que dignifica a coleção “Liturgia e Música” e realmente contribuirá para a melhoria do canto litúrgico em nossas comunidades.

Endereço do Recensor:

ITESC – caixa postal 5041
Florianópolis, SC, 88040-970
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br



Elias WOLFF, *A unidade da Igreja. Ensaio de Ecclesiológia ecumênica*, São Paulo, Paulus, 2007, 259 p.

Pedro Alberto Kunrath*

“Momento paradoxal: o chamado século da Igreja – século XX – iniciou-se cheio de esperanças no caminho da unidade das Igrejas cristãs e terminou com a consciência dolorida de não a ter realizado, para grande escândalo de uma sociedade que se pensa planetária, globalizada. Vive-se no momento o dilaceramento entre desejos e possibilidades, entre buscas e realizações, entre esperanças e frustrações em termos de sociedade e de Igreja”, lê-se no Prefácio (p. 9) assinado por João Batista Libânio.

A reflexão sobre a Igreja como mistério da comunhão é extremamente interessante e de uma importância fundamental, tanto no plano teológico, quanto no plano pastoral e existencial. O estudo ecclesiológico convida a meditar sobre a Igreja e sobre a comunidade-asmbléia convocada por Deus como seu povo.

A Igreja visível, a sua realidade histórica e social, muito concreta e facilmente reconhecível, não obstante a sua fragilidade e opacidade, pode ser entendida como sinal da Igreja invisível, desse mistério destinado por Deus a reunir e salvar todos os seres humanos. Por sua parte social e visível, quando não compreendida suficientemente e direcionada ao interior e ao invisível, chega a comunhão da Igreja a inúmeras tensões, provas e divisões, como mostra sua História, desde as origens (Cf. *1 Jo* 2, 18-22.26; 4, 1-5; *2 Jo* 7-10; *At* 15, 1-21; *Tg* 4, 1-12; *Rm* 15, 5; *1 Cor* 1, 2.10-12; 11, 17-19; *Gl* 1, 6-9).

Mas a comunhão eclesial encontra, com toda a evidência, sua raiz mais profunda na comunhão com a vida divina (cf. *Jo* 17, 21; *1 Jo* 1, 1-3; *2 Pe* 1, 3-4); e pertencer à comunhão da graça é, para a fé cristã, o valor essencial. Nessa perspectiva, a divisão do mundo cristão em “Igrejas”, que levantam barreiras entre si, não só efetivas na linha da fé, como também de estrutura eclesial e social e que se excluem mutuamente, aparece em toda a sua verdadeira dimensão de ruptura no interior da unidade e da comunhão fundamental da única Igreja de Cristo.

O século XX, porém, tem sido um testemunho da comunhão dos cristãos, ainda que imperfeita, na convicção evangélica (cf. *Jo* 17, 21) que

* O Recensor, Doutor em Teologia, ó Professor na PUCRS.



se refere precisamente à necessidade de reconstruir essa unidade visível, dada em Cristo e colocada sob provas e escândalos. Nesse contexto é que o movimento ecumênico (cf. UR 4) tem realizado progressos verdadeiramente notáveis. Pelo impulso da graça do Espírito Santo, multiplicam-se os esforços em busca da comunhão: os diálogos bilaterais e multilaterais, a oração em comum pela unidade, a procura sincera de eliminar os prejuízos das excomunhões e um mais justo conhecimento das outras Igrejas e confissões cristãs, a promoção de projetos comuns de colaboração teológica e social e, máxime, o exame conjunto da sua fidelidade à vontade de Cristo a respeito da Igreja e da sua constituição (cf. UR 7-9; 12).

Sem dúvida, em se considerando a história das divisões e dos escândalos na comunhão eclesial, seria superficial julgar o caminho ecumênico um caminho fácil. Para entender o caminho já percorrido e as atuais dificuldades, é necessário olhar, com serenidade, a recente história do Ecumenismo, como movimento de Igrejas e comunidades cristãs, do período que vai do Concílio Vaticano II aos nossos dias.

A obra de Elias Wolff, ora em recensão, estruturada neste contexto de comunhão e unidade eclesial, é dividida em três partes articuladas entre si. Na primeira parte, o autor trata da afirmação da *Necessidade da Eclesiologia Ecumênica*, já tratada por ele em um artigo *Tensões inerentes à possibilidade de construção de uma Eclesiologia Ecumênica* (in: *Encontros Teológicos*, ano 16, n. 30, 2001, p. 71-84). Diante do fenômeno do pluralismo eclesial, faz-se necessário um novo olhar sobre essa realidade e a possibilidade do diálogo que possibilite a compreensão – ecumênica – da Igreja, que nele e por ele se manifesta (p. 38). Pois nenhuma identidade eclesial se constrói isolada, senão na relação com outros modos de ser Igreja.

Na segunda parte, intitulada *A instauração do ecumenismo como princípio eclesiológico*, o autor descreve o Ecumenismo como “princípio formal” da Eclesiologia, citando as suas fontes e o método necessário para a possibilidade de uma Eclesiologia de matiz ecumênica, convergindo na Eclesiologia de comunhão, como eixo e horizonte da reflexão sobre a Igreja. Temos aí a unidade na diversidade, a hierarquia de verdades e a hermenêutica da comunhão, “essencial no método eclesiológico que busca a unidade na verdade da Igreja que se manifesta na diversidade das formas de organização histórica das tradições cristãs, sem uniformização e sem confusão das diferenças, em analogia com o dogma cristológico de Calcedônia” (p. 82).

Na terceira parte, mais consistente, sistemática e temática – *A articulação da Eclesiologia Ecumênica* – a obra em questão vai delineando o ecumênico como momento *interpretativo* das realidades que incidem na compreensão da Igreja, a saber, as Escrituras, a Tradição, o Magistério e



as experiências ecumênicas das Igrejas e dos cristãos. Aborda também o momento *sistemático*, partindo do significado da Igreja no seu universo semântico ambivalente, as ênfases teológicas diferenciadas, as notas ou propriedades da Igreja e as imagens da Igreja que mais se aproximam de uma Eclesiologia ecumênica, dando valor real à imagem da *koinonia* (comunhão), que “implica o fato de que a Igreja não é apenas uma instituição ou organização. Ela é a comunhão dos que são reunidos pelo Espírito Santo e que no batismo confessam Cristo como Senhor e Salvador. Desse modo, esses são ‘totalmente consagrados’ a Ele e um ao outro” (p. 167). Por fim, o momento *prático*, que parte da pergunta: Que unidade se busca?, fazendo uma opção pela unidade solidária, pois “isso implica a compreensão de que a Igreja, como povo de Deus, abraça toda a multiplicidade humana, geográfica, cultural e religiosa. As iniciativas ecumênicas serão testadas, apreciadas, legitimadas ou não a partir dessa forma, extremamente referencial, de ser Igreja. A Igreja *recebe e aprende* de todos os povos que vivem junto a ela, uma vez que os acontecimentos das sociedades incidem positivamente ou negativamente na Igreja e na sua busca de unidade” (p. 239-240).

As Igrejas precisam comprometer-se umas com as outras no caminho da plena unidade visível. E na medida em que isso acontece, as Igrejas vão entendendo que, mesmo no atual estado de divisão, elas se pertencem mutuamente: eis a conclusão do autor (p. 253). Dado o caráter insuperável, até o momento, dos desafios apresentados ao longo da divisão da Igreja de Cristo, o presente livro é um estudo-ensaio de Eclesiologia ecumênica, pois o pensamento ecumênico sobre a Igreja é um aprendizado lento e gradual que, segundo o autor, exige incansáveis ensaios como que para a apresentação de uma peça (p. 23). E neste sentido é como explorar um longo percurso, mas abrindo caminhos.

Dentro desse contexto, o livro que ora se apresenta é uma obra de literatura teológica – eclesial e ecumênica – que vivamente pode ser recomendada, sobretudo aos professores e alunos de pós-graduação em Teologia; enfim, a todos os que amam e servem a Igreja de Cristo, para que a vontade de Cristo “*que todos sejam um*” (Jo 17, 21) se concretize na verdade e na caridade.

Endereço do Recensor:

ITESC – Rua Dep. Antônio Edu Vieira, 1524

Pantanal

88040-001 Florianópolis, SC



Buss, Dom Tito, *Memórias*, Rio do Sul, Ed. Nova Era, 2005, 16 x 23,5, 169 p.

*Ney Brasil Pereira**

O gênero literário “Memórias” é preciosa fonte de informação. É o caso destas “Memórias” de Dom Tito Buss, que contam com elogioso Prefácio de Dom Angélico Sândalo Bernardino, Bispo de Blumenau: “Torna-se este livro indispensável referência a todos que queiram conhecer a vasta realidade onde, por longos e abençoados anos, atuou e trabalha o primeiro Bispo diocesano, agora, emérito, de Rio do Sul” (p. 9).

No seu prólogo, o próprio autor explica o objetivo destas “Memórias”: “O que me levou a encetar a tarefa de pôr por escrito alguns dados da história religiosa desta região é o seguinte: conheço-a desde o ano de 1943, quando meus pais migraram de São Ludgero para Salete, então chamada de Ribeirão Grande. Percebo que a nova geração de padres, leigos engajados, religiosos e o povo em geral, pouco ou nada sabem a respeito da história daqueles tempos ... Estou dando esta modesta contribuição para que a geração presente possa saber e os pósteros possam satisfazer sua curiosidade de conhecer detalhes dos tempos passados. Quero alertar que, escrevendo memórias a respeito de alguns padres, seminários, outras pessoas e efemérides, não estou fazendo um trabalho de pesquisa documental, nem traçando biografia completa ... Embora não tenha consultado documentos, procurei me ater sempre rigorosamente à verdade.” (p.7).

Após o prólogo do Autor e a Mensagem de Dom Angélico, estas “Memórias” estão redigidas em dez capítulos, seguindo o itinerário de vida do autor: 1) os dados biográficos até a Ordenação Presbiteral em 1951; 2) os Seminários freqüentados (Azambuja, Mariana, São Leopoldo); 3) professor no Seminário de Salete; 4) professor no Seminário de Taió; 5) pároco na catedral de Joinville; 6) professor de Teologia em Curitiba; 7) Bispo de Rio do Sul, ordenado em 1969, bispo diocesano até 2000; 8) ministério episcopal; 9) meus Bispos; 10) Padres pioneiros. O livro se conclui com cinco “Anexos”, entre os quais um descrevendo seu trabalho de psicanalista clínico, atividade com a qual Dom Tito tem ajudado a tanta gente (pp. 163-165).

* O Recensor é Mestre em Ciências Bíblicas, compositor e regente, e membro do Grupo de Reflexão de Música Litúrgica da CNBB.



Característica destas “Memórias” é franqueza e a espontaneidade. Entre os “Padres Pioneiros” (pp. 118-160), por exemplo, não foge de mencionar também seus limites. É impressionante o seu retrato de Dom Gregório Warmeling, Bispo de Joinville entre 1957 e 1994, falecido em 1997. Dedicando-lhe oito páginas (pp. 111-118), assim Dom Tito começa: “Impossível definir em poucas palavras a sua figura grandiosa... Rico em qualidades humanas e rico em dons divinos, Dom Gregório era um homem de fé. Seu lema era: *Para mim, viver é Cristo* (Fl 1,21). Ele o viveu na íntegra. Repetiu-o em sua vida de servidor de Deus e dos irmãos... Amava a Igreja. Percebia-se que a conversa dele, por mais variada que fosse, sempre voltava ao tema Igreja” (p. 112).

No capítulo dedicado ao seu ministério episcopal (pp. 81-103), Dom Tito faz interessante balanço de suas atividades à frente da diocese de Rio do Sul, da qual ele foi o primeiro Bispo. Criada em 1968, a diocese foi estruturada segundo os novos ares do concílio Vaticano II. Dom Tito dá o seu depoimento sobre a organização da Cúria Diocesana; a Coordenação de Pastoral; o Conselho Presbiteral; a criação de novas paróquias; os párocos e a provisão das paróquias; a organização das Comunidades; o Culto Dominical, com as “Cartas Dominicais”; as Visitas Pastorais e as crismas; as Assembléias pastorais; as visitas *ad limina* (a Roma); a construção do prédio Bom Pastor; a Rádio Difusora.

As “Memórias” de Dom Tito não têm uma conclusão. Seu autor não se preocupou com um balanço geral, deixado por ele à avaliação do leitor, que aqui se depara com uma mina de ouro, riquíssima de informações de primeira mão que muito contribuem, por certo, para o conhecimento de belo período da história da Igreja que está em Santa Catarina.

Endereço do Recensor:

ITESC – caixa postal 5041
Florianópolis, SC, 88040-970
E-mail: ney.brasil@itesc.org.br